Joël Dicker

O tigre





ALFAGUARA

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

Joël Dicker

O tigre



ALFAGUARA

Joël Dicker

O Tigre

Tradução de
Susana Sousa e Silva

Ilustrações de
David de las Heras

ALFAGUARA





A notícia correra a capital, São Petersburgo, como um rastilho. Naquele tórrido mês de Agosto de 1903, não se falava de outra coisa. No cómodo recato dos salões de aristocratas ou nas casas mais humildes, a mera evocação dos acontecimentos causava sobressalto. Nos parques, passeantes de semblante fechado discorriam sobre o sucedido enquanto as crianças recriavam as cenas narradas pelos adultos e se entretinham a aterrorizar quem passava. Até o czar, contava-se, estava preocupado com o que se passara no outro extremo do país: no coração da imensa Sibéria, gélida no Inverno e abrasadora no Verão, tinha sido massacrada uma aldeia inteira.

O «caso» fora denunciado por dois monges que, estando de passagem na região, haviam decidido fazer uma paragem em Tibié, uma aldeia de mujiques erigida no meio de vastos campos de cultivo difícil. Os aldeãos eram uns pobres diabos que viviam em casebres de madeira e terra. As habitações amontoavam-se em torno de um largo poeirento, separadas por currais periclitantes onde definhavam vacas escanzeladas e cavalos de tiro com ar esfalfado.

Viajando nas suas mulas, os dois monges chegaram a Tibié às últimas horas de uma manhã quente de final de Julho. A reserva de víveres esgotada, contavam com a generosidade dos aldeãos, gente pobre mas muito piedosa, para se abastecerem. Os dois homens ficaram admirados por não se ver ninguém nos campos a tratar da lavoura ou a conduzir o

gado para as pastagens na planície, onde a erva era mais tenra do que as hastes amareladas que despontavam nas imediações da aldeia.

A princípio, a calma desusada deixara-os intrigados. Seria talvez o calor que mantinha os aldeãos enclausurados nas suas casas e os animais confinados nos estábulos. Mas eis que em seguida deparam com um cavalo degolado no meio de um cercado. Depois um segundo e, um pouco mais longe, um rebanho de ovelhas numa poça de sangue, antes de darem de caras com o corpo de um camponês hediondamente mutilado. Nesse momento, podiam ter invertido a marcha, desistindo de seguir caminho até à aldeia. Porém, decidiram continuar, impelidos não pela curiosidade, mas pela compaixão: estava à vista que sucedera algo grave e era seu dever acudir a quem precisasse de auxílio. Esporearam as montadas e depressa alcançaram Tibié. O que aí encontraram deixou-os apavorados: havia cadáveres por toda a parte. Crianças, mulheres, homens de idade madura e anciãos, animais, cães e galinhas. A aldeia inteira fora massacrada. Os corpos das vítimas apresentavam os mesmos sinais de mutilação: estas pareciam ter sido brutalmente degoladas e esgadanhadas.



Alguns aldeãos haviam tentado defender-se, em vão: aqui e ali, viam-se armas espalhadas pelo chão. Os que procuraram refúgio nas casas haviam sido perseguidos. No interior havia mais cadáveres, como se cada habitação tivesse sido sujeita a escrupulosa vistoria.

Os monges concordaram que o ataque sucedera havia pouco: os corpos das vítimas ainda estavam quentes. Acima de tudo, e malgrado o calor abrasador, não denotavam vestígios de decomposição. Quem poderia ter perpetrado semelhante massacre? Primeiro pensaram num bando de malfeitores sanguinários, que tivesse vindo pilhar uma aldeia onde, no entanto, nada havia para roubar.

Lembrando-se de que os bandidos podiam andar pelas redondezas, os dois monges ficaram aterrados: assassinos daquela têmpera não conheciam fé nem honra e não hesitariam em matá-los, ignorando a sua condição de homens de Deus. Correram para as selas e, com um toque nos flancos das mulas, trataram de abandonar a aldeia. Tinham acabado de contornar uma casa quando de súbito as suas montadas se empinaram, assustadas. Os monges acabavam de dar de

chofre com o responsável pelo massacre, o pelame ainda tingido de sangue fresco: um tigre enorme.

Em Moscovo e em São Petersburgo, os telegramas nada diziam sobre a razão que levara o animal a poupar os dois clérigos. No entanto, a Rússia inteira ouvira com a respiração suspensa o relato da terrível notícia. O que doravante ficaria conhecido como *o massacre de Tibié* andava nas bocas de todos. Habitualmente solitários e discretos, os tigres nunca investiam, por assim dizer, contra humanos. Que espécie de fera era aquela, que se atirara a uma aldeia inteira? O testemunho dos dois monges fazia jus às lendas mais aterradoras: nos confins da Sibéria, rondava um tigre que nada nem ninguém conseguia travar.

O caso poderia nunca ter passado de um simples *fait divers* de início do século, se o Tigre se tivesse ficado por ali. Contudo, um mês depois de Tibié, e não muito longe da aldeia destroçada, o animal atacou um grupo de comerciantes em viagem. Foi o único sobrevivente do ataque quem relatou o sucedido. Na mesma altura, um grupo de aguerridos caçadores desapareceu sem que deles se tenha voltado a ter notícia. Mais tarde, tocou a um emissário do czar, enviado à Sibéria para investigar o Tigre que espalhava o terror pela região, ser encontrado degolado.

No começo do Inverno, o Tigre já fizera várias dezenas de vítimas. E o que, em Julho, não passava de um *fait divers*, ganhava agora uma dimensão completamente nova. O país inteiro, de São Petersburgo à Kamtchatka, dos vilarejos mais recônditos às grandes cidades, estremecia à simples menção do Tigre. Dizia-se que podia aparecer num mercado, no pátio de uma casa e até nos palácios dos governadores, fortemente guardados.

Perante o medo da fera, ricos e pobres eram agora iguais: nenhuma barreira social os deixava a salvo do animal. Os que tinham meios requisitavam homens, compravam espingardas e trancavam-se em casa tanto quanto podiam. Os rumores populares recrudesciam de dia para dia: não era já um tigre isolado, mas uma matilha, que semeava a morte à sua passagem. E os jornais, que todos os dias anunciavam novas mortes suspeitas, acicatavam ainda mais o terror colectivo.

Em São Petersburgo, o czar reunia diariamente com os seus conselheiros para fazer o ponto da situação. Todo aquele pânico popular lhe parecia perfeitamente ridículo. No entanto, tinha de agir, pois o Tigre estava a prejudicar a sua nova política económica para a Sibéria, região há muito olhada como um planalto árido mas de cujos recursos ele decidira tirar o máximo proveito. Os Americanos continuavam a descobrir um manancial assombroso de minérios e petróleo no Alasca que o Império Russo vendera estupidamente aos Estados Unidos a troco de uma mão-cheia de dólares, persuadido de ter exaurido todos os seus recursos. O czar esperava emendar esse mau passo mudando o estatuto da Sibéria e dando um novo impulso à região. Mas eis que aquele Tigre começava a causar o êxodo da população rural e a atemorizar os investidores. Era imperioso encontrar uma solução. «Enviem os melhores caçadores para a Sibéria», ordenou aos conselheiros. «Mas, Alteza», retorquiram eles, «os caçadores têm medo de ir para lá.» «Paguem-lhes!», ordenou. «Mesmo assim, recusam-se», insistiram os conselheiros. «Paguem-lhes mais!», impacientou-se o soberano. «Ainda assim, não chegará», balbuciaram os conselheiros, estarrecidos ante a ideia de despertar a cólera do czar. No entanto, em vez de se irritar, o soberano decretou calmamente: «Todo o homem tem o seu preço.» E esboçou um

sorriso.

E assim, um mês antes das celebrações do Natal ortodoxo, o czar mandou afixar cartazes por todo o país que suscitaram um entusiasmo que nada ficava a dever ao pavor causado pelo Tigre: aquele que se apresentasse no Palácio Real acompanhado dos restos mortais do dito Tigre devorador de homens receberia o peso do animal em moedas de ouro. A julgar pelo que dele se sabia, quem o matasse tornar-se-ia mais abastado e mais poderoso do que um governador. Logo homens vindos dos quatro cantos do país, sozinhos ou em grupos organizados, rumaram à Sibéria, decididos a encontrar e a abater o Tigre que lhes granjearia fortuna.

Um deles era Ivan Levovitch, um jovem de São Petersburgo na casa dos vinte anos, barba loura, braços de aço e ombros largos que pareciam talhados em pedra. Pertencia a uma família modesta da capital e trabalhava na oficina de marcenaria do pai. O decreto imperial abria-lhe uma oportunidade inesperada de concretizar o seu sonho: ser rico e famoso em todo o Império e vencer o abismo profundo que o separava do fausto e esplendor da alta sociedade russa. Em breve, deixaria de ser um modesto marceneiro sem importância: seria o homem que matou o Tigre. Com o dinheiro que poupara, Ivan comprou uma espingarda robusta e certeira e, após solenes despedidas, partiu para Leste num comprido comboio, no pino do Inverno russo.



A viagem até à Sibéria pareceu interminável a Ivan: a neve e o frio atrasavam o comboio, que avançava a custo pela tundra.

Só um mês depois de ter deixado São Petersburgo pôde enfim partir em busca do Tigre. Tudo começou numa estação de caminho-de-ferro escalavrada, nas imediações da tristemente célebre aldeia de Tibié, onde chegou ao fim de mais dois dias de caminho montado num cavalo possante cuja aquisição lhe consumira o remanescente das poupanças.

Durante a viagem de comboio, apercebendo-se da vastidão da Sibéria e do rigor dos elementos, Ivan ponderara com apreensão a possibilidade de não conseguir encontrar o Tigre. Mesmo que abatesse um tigre, como poderia ter a certeza de que se tratava do mesmo que aterrorizava a região? E se regressasse a São Petersburgo com os despojos do tigre errado? Teria dilapidado inutilmente o seu pecúlio e seria alvo de chacota por parte de toda a família. Aquela fera poderia trazer-lhe glória e fortuna, mas também poderia arrastá-lo para a ruína e valer-lhe uma dolorosa humilhação. Consciente de que não podia permitir-se um erro que fosse,

arrependia-se de não se ter juntado a um grupo de caçadores, mais bem organizados. Sabia que fora a cupidez que o impelira a partir sozinho: não queria dividir a recompensa.



Depois de aturada reflexão, Ivan decidiu finalmente seguir a pista do Tigre como se da pista de um criminoso se tratasse. Visitaria todos os locais onde o animal atacara, respeitando a cronologia dos acontecimentos, e recolheria todos os indícios que lhe permitissem identificar com rigor a fera assassina. Foi assim que, montado no seu vigoroso alazão, chegou a Tibié, convertida agora numa aldeia-fantasma. Ao avistar as primeiras casas, sentiu o medo revolver-lhe as entranhas. Apertou a espingarda contra si e, por precaução, carregou-a. Não se avistava vivalma. A neve apagara tudo. Apenas as vidraças partidas das janelas traíam o massacre que ali ocorrera. Agastado pela ausência de pistas, Ivan percorreu a aldeia. Preparava-se para a deixar quando se deteve, estupefacto, diante de um vasto campo coberto de neve onde despontava uma centena de cruzes de madeira.

— Foi ali que os enterraram — disse uma voz atrás de Ivan.

Virou-se na sela com sobressalto e apontou a espingarda ao seu interlocutor.

Era um vagabundo. Saíra de uma casa próxima, onde se instalara para passar o Inverno.

— Quem és tu? — perguntou o cavaleiro, com voz ríspida para disfarçar o medo.

— Andas à procura do Tigre? — limitou-se a retorquir o vagabundo. — Como todos os homens que por aqui passam diariamente?

Ivan não respondeu. Seriam assim tantos? Poderia aquele homem ajudá-lo ou, pelo contrário, teria sido industriado por caçadores pouco escrupulosos para desorientar os novos perseguidores com indicações falsas? Parecendo ler os pensamentos de Ivan, o vagabundo acrescentou:

— Não te quero mal… Se procuras o Tigre, segue para Leste, até à aldeia de Skolkele.

O homem regressou ao sítio de onde viera e Ivan esporeou os flancos do cavalo sem cerimónia, seguindo as indicações que acabava de receber. Ignorava a que distância se encontrava de Skolkele e até onde isso o levaria. Mas era a sua única pista.



Foi preciso quase meio dia a cavalo para chegar a Skolkele.

Enquanto cavalgava pela tundra, Ivan pensou que o vagabundo se divertira à sua custa e o enviara na direcção errada para o confundir. Recriminou-se por se ter deixado ludibriar com tanta facilidade. Mas então avistou as volutas de fumo cinzento elevando-se das primeiras casas de uma aldeia: Skolkele. Cravado bem no meio da planície nevada, o lugarejo era pouco maior do que Tibié. Não viveriam aí mais de trezentas almas. Entrou na aldeia à hora da refeição da noite. O cheiro a toucinho e a sopa de hortaliça recordou-lhe que não comia desde a véspera. O seu cavalo também não, e adivinhava que o animal precisava de repouso. Ivan parou diante de uma casa e bateu à porta.

Foi um homem de modos grosseiros e visivelmente ébrio quem veio abrir. Ivan esforçou-se para apelar à sua compaixão, explicando que não lhe sobrava um copeque nem tinha com que pagar a pernoita. No primeiro instante, o homem pareceu pouco inclinado à caridade, mas quando Ivan explicou que andava no encalço do Tigre, sorriu e apressou-se a oferecer-lhe hospedagem. Ivan Levovitch percebeu, então, como toda a região vivia aterrorizada pelo Tigre. O camponês, que disse chamar-se Dimitri, instalou o hóspede na sua modesta cozinha. Ordenou à mulher e aos filhos que lhe servissem sopa, dizendo-lhes para juntarem um bom naco de toucinho, em sinal do seu respeito pelo caçador. Em seguida, fez-lhe perguntas sobre o Tigre:

— Que sabes tu sobre a fera? — indagou o camponês.



— A bem dizer, não sei grande coisa. Quem me encaminhou para cá foi um vagabundo…

— O Tigre atacou um grupo de comerciantes à saída da aldeia. Chacinou-os.

— Quando foi isso?

— No fim de Agosto…

Ivan não escondeu a decepção: o fim de Agosto obrigava-o a recuar alguns meses. Àquele ritmo, jamais conseguiria encontrar a pista do Tigre.

— Como é que vou encontrá-lo? — perguntou Ivan, confessando sem querer a sua desorientação.

Dimitri percebeu que o seu interlocutor não era um caçador experimentado, mas um desses sonhadores de Moscovo ou São Petersburgo que se julgavam capazes de afrontar a terrível Sibéria e embolsar a recompensa prometida pelo czar. Contudo, não deixou transparecer a menor animosidade.

— Segue a sua pista — aconselhou —, e o Tigre virá ao teu encontro.

— Mas como poderei reconhecê-lo?

— É enorme! Tem dentes como sabres e olhos como

canhões. É possante como um cavalo e ágil como uma águia. O diabo enviou-o até nós… por conta dos nossos pecados!

As duas crianças fitaram o pai, aterradas.

Ivan passou a noite na granja de Dimitri. De madrugada, pediu que o levassem ao local onde se dera a matança dos comerciantes. Mas, tal como esperava, encontrou apenas neve. Nem um sinal, nem um indício que pudesse ajudá-lo. Na mesma altura, após o ataque aos comerciantes, o Tigre parecia ter surpreendido um grupo de caçadores da região, cujos corpos nunca haviam sido encontrados, antes de investir contra um emissário do czar nas proximidades da aldeia de Pritit. Foi para lá que o jovem se dirigiu.

Durante as semanas seguintes, Ivan calcorreou a Sibéria, reconstituindo minuciosamente o avanço mortífero do Tigre. Cruzou-se com dezenas de caçadores, quase todos mais bem armados e mais experientes do que ele. Apesar da quantidade extraordinária de homens que andavam no encalço da fera, Ivan não teve dificuldade em encontrar sítio para pernoitar. Era sempre acolhido de forma calorosa e nunca lhe faltava nada, o que lhe permitia retemperar forças e ganhar novo alento para continuar a bater as planícies sem cessar. Porém, a sua busca não parecia levá-lo muito longe: a visita aos locais dos ataques não lhe rendera nenhuma pista concreta e temia que boa parte das dezenas de relatos que escutara não passasse de efabulações.

Quando a Primavera se instalou na Sibéria, os ânimos haviam serenado em toda a Rússia: o Tigre não dava sinal de vida havia mais de três meses. O povo andava agora entretido com outros assuntos, a tensão geral aliviara e as espingardas haviam recolhido aos armeiros.

Entre os caçadores, corria o rumor de que o Tigre fora

abatido e os seus despojos haviam sido entregues ao czar. O autor da façanha teria sido um velho bêbedo, cumulado de ouro e honrarias no Palácio de Inverno, perante uma plateia de convidados ilustres. Mas seria assim, de facto? Ou não passaria tudo de um ardil arquitectado por um bando de caçadores para incitar os rivais a renunciarem à perseguição? As notícias de São Petersburgo chegavam com dificuldade às províncias recônditas e discernir o verdadeiro do falso era tarefa impossível, o que deixava Ivan completamente às escuras. No final de Março, consumido pela dúvida, desencorajado pelas intermináveis cavalgadas através das estepes, decidiu voltar para casa. Esperava que o cavalo lhe rendesse o suficiente para comprar um bilhete de comboio. No caminho para a estação de caminho-de-ferro de Kadachka, a mesma onde se apeara muitos meses antes, imaginava os rostos desapontados dos seus familiares mais próximos quando o vissem chegar de mãos a abanar, ele que afiançara a toda a gente que voltaria com os despojos do Tigre que o cobririam de ouro.

A caminho da praça do mercado, onde esperava encontrar comprador para o seu cavalo, Ivan ouviu gritos que logo fizeram empinar a cavalgadura. Uma multidão rodeava uma carroça onde jazia o corpo mutilado e retalhado de um homem que só por milagre vivia ainda. O Tigre voltara a atacar.

A nova vítima era um camponês que regressava na sua mula de uma visita a uma aldeia vizinha. O Tigre surgira do nada e lançara-se sobre o homem, o qual apenas se salvara graças à intervenção de outro viajante que, vindo logo atrás, conseguira afugentar a fera com tiros de espingarda. O viandante içara, então, o corpo desmembrado do camponês

para a sua carroça e abalara a galope para Kadachka.

O largo da aldeia encheu-se de homens armados, enquanto um sacerdote ministrava a extrema-unção ao pobre infeliz que, estava mais que visto, não sobreviveria. Decididos a acabar com o Tigre de uma vez por todas, os habitantes da aldeia prepararam-se para se lançarem numa gigantesca batida.

Ivan pensou em juntar-se ao grupo, não para tomar parte no esforço de guerra, mas com o fito de recolher informações que lhe permitissem antecipar-se aos aldeãos. Tinha um plano: deixaria que aquele exército de mujiques desorganizados encontrasse o animal e lhe montasse o cerco e, no derradeiro momento, ele próprio o mataria, reclamando depois a recompensa só para si.

Todavia, quando abandonava a aldeia, Ivan avistou, junto à fonte, o viajante que afugentara o Tigre. Afastou-se do grupo, aproximou-se do homem e, depois de lhe enaltecer a coragem, perguntou:



— Como pode ter a certeza de que foi o Tigre que atacou este pobre homem, e não outro qualquer?

— Só pode ser ele — respondeu o viajante.

— Porquê?

— Este animal cheira o medo. Só ataca quem o teme, pois sabe que, petrificadas pelo medo, as suas vítimas nada poderão contra ele. Não é o cheiro da carne ou do sangue que o atrai, é o do medo.

— Eu não tenho medo! — assegurou Ivan.

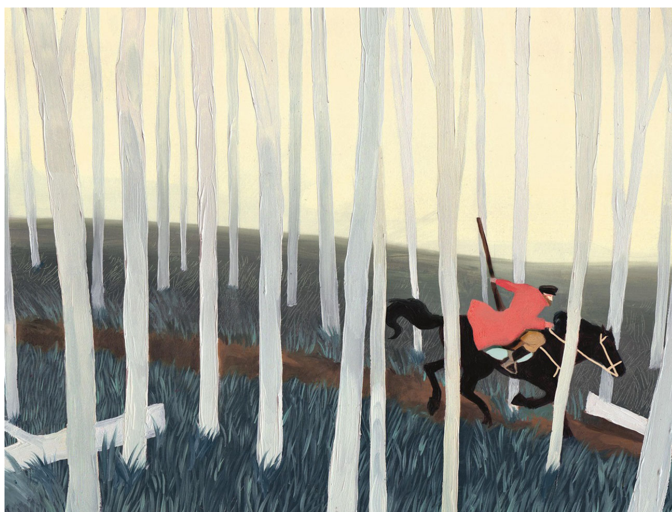
— Então, encontra o Tigre e mata-o. Mata-o antes que ele chacine todos os homens que pretensamente se lançam no seu encalço, mas a quem, suspeito, fraquejam as pernas e palpita o coração.

Sem mais delongas, Ivan correu para o seu cavalo. Saltou-lhe para a garupa e partiu num galope desenfreado. O Tigre não andaria longe e, para ele, aquela era uma oportunidade única para descobrir o seu paradeiro. Ele, que há tanto tempo andava às voltas, estava agora próximo do seu rival. Talvez não tivesse percorrido todo aquele caminho em vão. Lembrou-se das palavras do viajante e acariciou a coronha da espingarda pousada na sela.

Ivan cavalgou pela planície sem parar, acompanhando, sem que houvesse um motivo específico, o curso de um riacho até este se tornar rio, antes de se embrenhar numa floresta de pinheiros altos. No momento em que passava por cima de um tronco derrubado, viu uma gigantesca massa alaranjada lançar-se sobre si e atirá-lo ao chão com inaudita violência. Ivan rebolou no meio da ramagem e estatelou-se contra um cepo. Reprimiu um grito: o Tigre acabava de atirar-se a ele.

Estendido no chão, Ivan viu a fera aproximar-se, rugindo, ameaçadora, prestes a retalhá-lo com as suas garras. O jovem e o animal olharam-se com atenção. O Tigre mostrou os dentes e pôs as orelhas para trás, pronto a matar. Ivan fitou-o, sentindo o coração bater. Então, de repente, desatou a gritar,

enfurecido:



— Não tenho medo de ti, Tigre! Não tenho medo de ti!

O Tigre observou-o como se tivesse compreendido as suas palavras. Entreolharam-se durante muito tempo. Depois, soltando um rugido irado, o Tigre deu meia-volta e bateu em retirada. Ivan levantou-se e correu a apanhar a espingarda que ficara caída no chão. No entanto, quando por fim fez pontaria, já o Tigre desaparecera.

O jovem limpou a testa com um movimento rápido. Porque é que o Tigre o teria poupado?

Sentindo as pernas trémulas, sentou-se um instante para se recompor, até reparar numa massa escura a alguns metros de distância: era o cadáver do seu cavalo, morto durante o ataque. Uma poça de sangue alastrava lentamente sobre o tapete de musgo que cobria o chão da floresta. Fora uma montada valorosa, sempre fiel ao longo daquela busca! Agora, Ivan estava só, sem cavalo e sem recursos, perdido no meio da floresta. Sentia-se exausto, física e moralmente. Teve vontade de se deixar cair. Morrer ali, pôr fim a tudo. Porém, tomado de um novo ímpeto, gritou com todas as forças:

— Hás-de morrer, Tigre! Hás-de morrer! Vou matar-te! Vou matar-te! Vou matar-te!

E, repetindo incansavelmente estas últimas palavras, girou sobre si mesmo, para que, em todas as direcções, o vento levasse a sua mensagem ao Tigre. Doravante, estava avisado.

Ivan deambulou pela taiga durante muito tempo. Desvairado e perdido, caminhou até ao cair da noite apertando a espingarda contra si. A Lua já ia alta no céu quando vislumbrou o clarão de uma isba isolada. Bateu à porta e foi recebido por um camponês um pouco lorpa chamado Tchevtchenko, a mulher deste e as três filhas de ambos. Não foi preciso muito para que Ivan conseguisse hospedagem: o seu estado de nervosismo e o relato do ataque do Tigre ter-lhe-iam aberto todas as portas. Ofereceram-lhe comida e a mulher de Tchevtchenko prontificou-se até a tratar-lhe as feridas, mas Ivan, esgotado pelos acontecimentos daquele dia, recusou educadamente e perguntou apenas se podia retirar-se para repousar.

Tchevtchenko instalou uma enxerga no quarto grande onde toda a família dormia. Exausto, Ivan deitou-se e fechou os olhos. Queria esquecer os seus infortúnios, nem que fosse por uma noite. Todavia, já todos ressonavam e ele ainda não conciliara o sono. Não conseguia deixar de pensar no Tigre. Queria vê-lo morto, desmembrá-lo e fazer uma capa com a sua pelagem. Queria enfiar-se numa banheira repleta de ouro, instalar-se confortavelmente em São Petersburgo, longe da maldita Sibéria. Mas como poderia acabar com aquele Tigre, que a todos esquivava? Aquele Tigre que escapara aos caçadores, às batidas e aos emissários do czar? Aquele Tigre que aparecia do nada e decidia salvar-nos a pele ou condenar-nos à morte?

Ivan sabia que para lograr o seu intento precisava de um estratagema. Um ardil. Uma cilada. Passou uma boa parte da noite a matutar no assunto. De repente, esboçou um sorriso largo: acabava de ter uma ideia. E o seu plano era perfeito.

No dia seguinte, tendo dormido como um justo, Ivan interpelou Tchevtchenko quando este lhe trouxe o pequeno-almoço.

— És rico? — perguntou, cinicamente, examinando o interior decrépito do casebre e a indumentária do seu anfitrião.

— Eu não, caramba!… — respondeu Tchevtchenko com um ar aturdido e inocente.

— Gostarias de te tornar incrivelmente rico?

— Se gostaria, caramba!…

O olhar do camponês denunciava total incompreensão. Ivan explicou-lhe, então, as suas intenções:

— Se tu e a tua família me ajudarem a matar o Tigre, ofereço-vos metade da recompensa…

— E em que podemos ser úteis?

— Servindo de engodo — sorriu Ivan.

Num primeiro momento, a ideia assustou Tchevtchenko.

Depois, as palavras hábeis de Ivan acabaram por convencê-lo. Metade do peso do Tigre em moedas de ouro não era argumento que se desprezasse. Poderia tirar toda a família da penúria. Além disso, o plano idealizado por Ivan parecia eficaz e seguro: ao cair da noite, Tchevtchenko e a família instalar-se-iam no prado ao lado da casa e acenderiam uma pequena fogueira, fingindo aproveitar as delícias das primeiras noites amenas de Primavera. A uma vintena de metros deles, escondido atrás de uma janela da velha casa de

madeira, Ivan aguardaria pacientemente a chegada do Tigre. A ausência de bosques e arvoredo próximo do local onde estaria a família impediria um ataque-surpresa. Alumiado pela luz da fogueira, o jovem disporia de tempo suficiente para ver a fera acercar-se e, nessa altura, abatê-la-ia antes que esta tivesse tempo de investir contra quem fosse.

Ivan estava particularmente orgulhoso da sua ideia. Aguardou o anoitecer com impaciência. Decidindo que era tempo, fez sinal a Tchevtchenko e aos seus para que ocupassem as suas posições e subiu ao sótão. Deitou-se no chão e enfiou o cano da espingarda pela vidraça partida de uma trapeira. Fechando um olho para conseguir visar melhor, apontou a arma para o perímetro onde a família se instalava. O Tigre não poderia escapar-lhe. Com uma expressão divertida, viu os bravos camponeses deitarem-se na erva e cantarem languidamente à volta da fogueira que Tchevtchenko acabava de acender. Estavam transidos de pavor, mas o que se encontrava em jogo era demasiado importante para poderem recusar. Finalmente, conseguiriam comprar uma casa digna desse nome, adquirir umas quantas cabeças de gado, comer quando tivessem fome, dormir em lençóis de seda e, quem sabe, comprar roupas novas todas as semanas, se o desejassem.



No seu posto de vigia, Ivan aguardava diligentemente a chegada do Tigre. Este, porém, não se mostrava. O caçador passou primeiro por uma longa fase de empolgamento, sobressaltando-se ao ver um rato-do-campo e, um pouco mais longe, uma raposa. Depois, à medida que o tédio se foi instalando, ponderou a possibilidade de a fera não se mostrar. Esperou pacientemente até ao alvorecer. Ao ver a família deitada na erva húmida a dormitar, ele próprio se deixou adormecer por uns instantes. E, quando o Sol nasceu, desistiu.

Tchevtchenko ainda estava trémulo de medo quando Ivan desceu do seu posto de vigia e se reuniu a ele.

— É uma aflição demasiado grande! — queixou-se Tchevtchenko. — Não voltaremos a fazê-lo!

— Tentemos só mais uma vez, esta noite — suplicou o rapaz. — Não queres ser rico?

De novo, este argumento levou a melhor sobre os temores do camponês. Assim, ao anoitecer, a família retornou ao prado e Ivan regressou ao seu posto de vigia no sótão.

O céu que cobria a Sibéria estava nessa noite salpicado de

estrelas que refulgiam sobre a região como diamantes. Do seu esconderijo, Ivan tinha uma visibilidade perfeita. Passara pouco mais de uma hora quando viu o Tigre surgir de súbito na orla do bosque. O coração de Ivan bateu mais depressa do que nunca. Era a Besta, reconhecia-a. O animal, silencioso, invisível, fundiu-se com as ervas altas do prado e avançou para Tchevtchenko e a sua família.

Quando o Tigre se encontrava a dez metros deles, Ivan ajustou a mira da espingarda e levou um dedo ao gatilho: tinha o Tigre à sua mercê. No entanto, não disparou. Não se prestara a todo aquele esforço para agora ter de se contentar com metade da recompensa. O sacrifício daqueles mujiques não seria uma grande perda. Pela mira da espingarda, viu o Tigre deslizar silenciosamente até aos pobres desgraçados que cantavam alegremente, alheios ao que se avizinhava. O Tigre parou a três metros deles. Deixou-se ficar escondido no meio das ervas alguns instantes, invisível, antes de se lançar sobre eles com um rugido aterrador. Foi uma cena de uma violência inaudita: o animal retalhou o pobre Tchevtchenko com as suas garras possantes, atirando-se depois à mulher e às três filhas. Pela mira da espingarda, Ivan viu calmamente os corpos serem rasgados como se fossem feitos de papel. Por fim, quando já todos estavam mortos, abriu fogo.

Uma detonação ensurdecedora ressoou na noite e uma primeira bala atingiu o Tigre no peito. Ivan recarregou a espingarda rapidamente, disparou e voltou a alvejar o felino. Mesmo ferido, o Tigre fugiu a grande velocidade e desapareceu na escuridão. Ivan desceu do sótão como uma flecha e partiu em perseguição do animal. Passou, indiferente, por cima dos cadáveres tombados no chão e seguiu o rasto de sangue deixado pela sua presa. Correndo como um doido na noite clara, alcançou o Tigre, que agora coxeava. Receando

que o animal desse meia-volta, manteve-se a uma distância cautelosa e disparou mais duas vezes. Então, viu o Tigre sucumbir no meio das ervas altas. Com um grito vitorioso, o jovem acercou-se prudentemente da moita onde o animal tombara. Porém, quando afastou as ervas altas, viu apenas sangue. O corpo do Tigre não estava ali. Ivan sentiu o pânico invadi-lo: pela primeira vez, teve medo. Medo do Tigre. E, nesse instante, este surgiu atrás de si e atirou-o ao chão. A espingarda de Ivan voou para uma pequena moita, e, com uma patada irada, o felino rasgou o abdómen do jovem, que deixou escapar um grito de dor. O seu corpo uniu-se ao do Tigre e o seu sangue misturou-se com o dele. O animal arrancou-lhe a pele e quebrou-lhe os ossos. Com as forças que lhe restavam, Ivan levou a mão esquerda à perna e, subindo a calça, agarrou o punhal e sacou-o da bainha presa ao tornozelo. Com um gesto desesperado, enterrou a lâmina na barriga do Tigre e rasgou-lhe as entranhas. Desventrado, o animal afastou-se bruscamente do caçador, ofegante e a esvair-se em sangue. Arrastou-se uma dezena de metros, soltando um rugido triste antes de titubear e sucumbir.



Semi-inconsciente, Ivan conseguiu levantar-se e aproximar-se do animal. O Tigre, enorme, estava estendido na erva fresca, que se tingia com o seu sangue. Ivan, ferido mortalmente, deixou-se tombar a seu lado. Jazendo lado a lado, com as cabeças viradas uma para a outra, fitaram-se durante toda a noite, olhos nos olhos, admirando-se mutuamente e fazendo companhia um ao outro. Depois, ao amanhecer, morreram.







O primeiro thriller do autor multipremiado d'O enigma do quarto 622 e A verdade sobre o caso Harry Quebert, os livros que viciaram mais de nove milhões de leitores em todo o mundo. Joël Dicker em estado puro, numa belíssima edição ilustrada.



Estamos em 1903, na longínqua Sibéria. Uma aldeia é atacada por um tigre colossal, e o governador oferece uma recompensa a quem seja capaz de debelar a fera. Iván Levovitch, jovem e inexperiente, aceita um desafio que se revela aterrorizante, já que, a partir de certo ponto, deixamos de saber quem é o caçador e quem é a presa.

O tigre é o primeiro livro de Joël Dicker, escrito aos dezanove anos e enviado para um concurso literário. O júri viria a confessar que não chegou a considerar o manuscrito, por duvidar de que alguém tão jovem pudesse ser o autor daquele texto. Dicker revela aqui uma capacidade impressionante de agarrar o leitor, criando uma narrativa poderosa, encarnada por personagens difíceis de esquecer. Devedor dos clássicos russos e ingleses, O tigre aborda já os grandes temas que marcam a escrita do autor: os dilemas existenciais, a

violência, a possibilidade de redenção.
Oito anos depois desta estreia, Joël Dicker venceu o Grande Prémio da Academia Francesa e o Prémio Goncourt des Lycéens com A verdade sobre o caso Harry Quebert, que se transformou num colosso literário e o catapultou para o pódio dos escritores mais lidos da actualidade.

Edição ilustrada por David de las Heras.

Os elogios da crítica:

«Em O tigre já é possível apreciar verdadeiramente aquilo em que este escritor se vai tornar […]. Um relato fundamental […], revelando uma extraordinária capacidade de agarrar o leitor desde a primeira página, construindo uma tensão narrativa cativante até ao fim, numa história carregada de coragem, ambição e orgulho. […] Belissimamente ilustrado por David de las Heras, cujos desenhos constituem um relato paralelo, casando na perfeição com o texto de Dicker […]. Uma história intrigante, que vicia quer pelas palavras quer pelas imagens.»

Pablo Delgado, *Farenheit 451* (Blogs ABC)

«Um relato magnífico […], muito valorizado por uma edição primorosa. […] Uma pequena jóia de um escritor extraordinário.»

Ana Granger, *PaperBlog*

«Uma história tão poderosa como o felino que lhe dá título e como a própria vida, numa edição brilhantemente ilustrada por David de las Heras. Altamente recomendável.»

Kutxa Ródenas, *La Opinión de Múrcia*

«Quem deseje iniciar-se na leitura da obra de Joël Dicker pode, sem dúvida, começar por este seu primeiro livro, magnificamente ilustrado por David de las Heras. Diante dos olhos do leitor é desfiada uma história que o manterá alerta até à última página, aguardando a cada momento o esperado

encontro entre caçador e tigre.»

Blogue Un lector indiscreto

«A história flui com naturalidade, o estilo é polido e depurado, o tom é épico e lendário… Uma maravilha de história, que desde logo estava a anunciar o nascimento de um escritor destinado ao sucesso.»

Antonio F. Rodríguez, *La antigua Biblos*

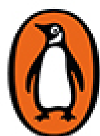
Joël Dicker nasceu em Genève, Suíça, em 1985. Estreou-se na literatura com *O tigre*, com apenas dezanove anos, e no romance com *Os últimos dias dos nossos pais*. Mas foi a publicação do segundo romance que o transformou num fenómeno literário global: *A verdade sobre o caso Harry Quebert* foi publicado em trinta e três países, vendeu mais de quatro milhões de exemplares e venceu o Grande Prémio de Romance da Academia Francesa, o Prémio Goncourt des Lycéens e o Prémio Lire para melhor romance em língua francesa. Foi ainda adaptado a série televisiva pela mão de Jean-Jacques Annaud, com estreia no canal AMC.

Seguiram-se *O livro dos Baltimore, O desaparecimento de Stephanie Mailer, O enigma do quarto 622*, confirmando, livro após livro, a mestria de Dicker no género do mistério literário.

Toda a sua obra está publicada em Portugal na Alfaguara.

Descubra mais sobre o autor e a sua obra em: www.joeldicker.com

David de las Hera(Bilbau, 1984) é um conhecido artista e ilustrador espanhol. Estudou Belas-Artes na Universidade do País Basco em Bilbau e Ilustração na Escola Massana. Expôs o seu trabalho em diversas galerias em Espanha e no estrangeiro. Ilustrou vários livros, entre eles *Martín, de Grumete a Capitán*, com base no texto escrito por Arianna Squilloni, e *Atlas de la España imaginaria*, de Julio Llamazares. No entanto, foi graças às suas capas que se tornou mais conhecido, nomeadamente a de *Instrumental*, de James Rhodes, e a de *Kalimán en Jericó*, esta última distinguida com o prémio Junceda de melhor capa, em 2015. Colaborou ainda com jornais como *El País* e revistas como *ABC Cultural* e *El País Semanal*.



Edição em digital: fevereiro de 2022

Título original: *Le Tigre*

©2020, JDCS

Ilustrações © 2017, David de las Heras

© desta edição:

2021, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Alfaguara é uma chancela de Penguin Random House Grupo Editorial

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Tradução: Susana Sousa e Silva

Revisão: Maria de Fátima Carmo

Capa: Teresa Coelho

Design gráfico © Penguin Random House Grupo Editorial / Nora Grosse

ISBN: 978-989-784-490-4

Composición digital: Newcomlab S.L.L.

Penguin Random House Grupo Editorial apoya la protección del *copyright*. El *copyright* estimula la creatividad, defiende la diversidad en el ámbito de las ideas y el conocimiento, promueve la libre expresión y favorece una cultura viva. Gracias por comprar una edición autorizada de este libro y por respetar las leyes del *copyright* al no reproducir ni distribuir ninguna parte de esta obra por ningún medio sin permiso. Al hacerlo está respaldando a los autores y permitiendo que PRHGE continúe publicando libros para todos los lectores. Diríjase a CEDRO (Centro Español de

Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita
reproducir algún fragmento de esta obra.

«Para viajar lejos no hay mejor nave que un libro.»

EMILY DICKINSON

Gracias por tu lectura de este libro.

En **Penguinlibros.club** encontrarás las mejores recomendaciones de lectura.

Únete a nuestra comunidad y viaja con nosotros.



Penguinlibros.club



Penguin Random House Grupo Editorial


Penguinlibros

Índice

O Tigre

O Tigre

Sobre o livro

Sobre Joël Dicker e David de las Heras

Créditos